



## Relações entre Paládio (*Opus agriculturae*) e Columela (*De re rustica*): uso renovado de um modelo e fonte

### *Relationships between Palladius (Opus agriculturae) and Columella (De re rustica): Reusing a Model and Source*

Matheus Trevizam

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | Brasil

matheustrevizam2000@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-1744-3380>

**Resumo:** Neste artigo, examinamos de forma comparativa elementos ou partes das obras *Opus agriculturae*, de Rutilio Tauro Emiliano Paládio (séc. IV-V d.C.), e *De re rustica*, de Lúcio Júnio Moderato Columela (séc. I d.C.). Esses autores se inserem no âmbito dos escritos agronômicos em Roma antiga e, portanto, não compuseram sem incorporação de escritores prévios, nos aspectos da fonte e modelo. O próprio Paládio teve Columela como modelo, estruturando *Opus agriculturae* segundo as dimensões e formato do gênero tratadístico. Também os livros I e XV de Paládio seguem, com alguma liberdade, aspectos temáticos e genéricos da obra do antecessor. Além disso, embora Columela seja a fonte principal dos saberes técnicos contidos em *Opus agriculturae*, Paládio se serviu também de outras fontes e adaptou as palavras do *De re rustica* ao seu estilo e ideias. As conclusões do artigo apontam para o efeito do uso renovado do legado de Columela pelo epígono.

**Palavras-chave:** literatura técnica; agronomia; Columela; Paládio; fontes.

**Abstract:** In this article, we compare and contrast sections of two works: Rutilius Taurus Aemilianus Palladius' *Opus agriculturae* (fourth–fifth century AD) and Lucius Iunius Moderatus Columella's *De re rustica* (first century AD). These writers were influenced by earlier writers in both source and model since they were writing within the context of agronomic works in ancient Rome. Palladius himself organized *Opus agriculturae* in accordance with the dimensions and format of the treatise genre, taking Columella as his model. Thematically and generically, Palladius' books I and XV likewise adhere in a free manner to the themes and elements of his predecessor's writing. Furthermore, Palladius borrowed contents from *De re rustica* and modified them to fit his own style and ideas, even though Columella is the primary source of the technical information

found in *Opus agriculturae*. The article's conclusions highlight the epigone's revived utilization of Columella's legacy.

**Keywords:** technical literature; agronomy; Columella; Palladius; sources.

## **Introdução: interrelações textuais entre os agrônomos romanos**

A observação das obras dos assim chamados “agrônomos” romanos revela que, ao ler o conjunto de textos que se identifica com tais obras, estamos diante de verdadeira teia de sucessivas retomadas de modelos e fontes. Remontando, então, ao próprio fundador dos escritos sobre os trabalhos agrários em Roma Antiga, Catão Censor (séc. III-II a.C.), já seria possível depreender que esse tratadista associado à obra *De agri cultura* não operou em um vácuo compositivo pleno, pois traços de vocabulário – e mesmo de conteúdo – indicam provável incorporação de materiais gregos ao texto técnico (Boscherini, 1970, p. 91).

Em seguida, os diálogos agronômicos constituídos pelos *Rerum rusticarum libri III*, de Marco Terêncio Varrão (séc. I a.C.), assumem contornos genérico-literários mais nítidos e refinados, mas não deixam de recorrer às palavras de muitos especialistas prévios, a fim de fundamentarem os saberes técnicos que veiculam. Conforme nos lembra Heurgon (2003, p. XVIII), Varrão citou em longa lista de seu primeiro diálogo (I, I, 8-10) nada menos que cinquenta autores *rerum rusticarum* helênicos, entre os quais se contam Aristóteles de Estagira (séc. IV a.C.) e Teofrasto (séc. IV-III a.C.).

Mesmo que alguns desses autores gregos não tenham provavelmente passado, para ele, de meros nomes, os dois filósofos referidos se identificam, de fato, com fontes muito reportadas por Varrão. Então, aproximadamente trinta vezes ele se baseia, em *Rerum rusticarum libri III*, na *História dos animais* e na *Geração dos animais* aristotélicas (Heurgon, 2003, p. XXIX). Por sua vez, Teofrasto é nomeado ao menos seis vezes ao longo do diálogo inicial da tríade varroniana, com apropriação de saberes advindos das obras *História das plantas* e *Causas das plantas*.

No tocante aos escritores itálicos cuja marca se faz presente nesses *Rerum rusticarum libri III*, não poderíamos deixar de fazer menção aos Sasernas – pai e filho de origens etruscas e romanizados, que foram produtivos meio século posteriormente a Catão (Heurgon, 2003, p. XL) –, a Gneu Tremélio Escrofa (séc. I a.C.), o qual, inclusive, se torna personagem dos dois primeiros diálogos varronianos, e ao próprio autor do *De agri cultura*. Embora haja, eventualmente, discordâncias ou até riso das personagens dos *Rerum rusticarum libri* diante de algumas “excentricidades” dos Sasernas – como, no primeiro diálogo, capítulo II, parágrafo 26, a propósito de uma técnica de depilação humana que envolvia cozer uma rã amarela e banhar-se com a água –, em várias outras passagens os saberes advindos desses antigos mestres ajudam a formar o cabedal técnico da nova obra (Heurgon, 2003, p. XLI).

Tendo publicado suas *Geórgicas* em 29 a.C., aproximadamente doze anos depois do aparecimento dos diálogos agrários de Varrão, Virgílio deveu a esse antecessor, crê-se, grande parte dos conteúdos técnicos de agropecuária contidos na obra (Wilkinson, 1969, p. 65ss.). Mas, além disso, a própria *dispositio* dos assuntos nesse poema didático augustano e a estrutura de algumas de suas partes são obviamente evocativas dos *Rerum rusticarum libri III*<sup>1</sup>, o que nos faz pensar no uso da obra em prosa também como uma espécie de modelo compositivo para as *Geórgicas*.

No tocante à *dispositio*, o primeiro diálogo dos *Rerum rusticarum libri* recobria tópicos de cultivo de plantas; o segundo, o assunto geral da pecuária, ou criação de grandes animais domésticos (bovinos, equinos, asininos etc.); o terceiro e último focalizava o ramo da economia agrária antiga conhecido como *uillatica pastio*, ou criação de pequenos animais nos entornos da *uilla* (a casa sede das propriedades rurais romanas). Semelhante distribuição dos temas técnicos é seguida ao longo das

---

<sup>1</sup> Veja-se, por exemplo, que a invocação aos doze deuses rústicos no início do primeiro diálogo de Varrão (Júpiter, Terra, Sol, Lua, Ceres, Líber, Robigo, Flora, Minerva, Vênus, Linfa e Bom Evento) apresenta correlato em *Geórgicas* I, 5-23. Não são, contudo, os mesmos deuses que se invocam, pois Virgílio recorre, no novo contexto, a entidades como Sol, Lua, Líber, Ceres, Faunos, (ninfas) Driades, Netuno, Aristeu, Pã, Minerva, Silvano e Triptólemo.

quatro *Geórgicas*, com a diferença de que o cultivo de plantas se repartiu entre agricultura e arboricultura nos respectivos cantos I e II do poema, enquanto a pecuária está no terceiro canto e a apicultura – reminiscência do livro varroniano de *uillatica pastio* – preenche o quarto e último.

Passamos ao exame sucinto da mesma questão no tratado *De re rustica*, atribuído a Lúcio Júnio Moderato Columela (séc. I d.C.) e que constitui, com seus doze livros, a mais detalhada obra de agropecuária que a Antiguidade nos legou. Importantes fontes para esse escritor do período imperial romano são:

[d]o cartaginês Magão e [d]os agrônomos latinos como Varrão, Catão, C. Celso, Escrofa, os Sasernas, etc. além de Virgílio. Porém, como proprietário experiente, seleciona, critica e avalia as fontes segundo seus próprios critérios (o que não significa que sejam sempre corretos, pelo menos na perspectiva atual), atitude bastante significativa em contraste com sua época (Cartelle, 2007, p. 797, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Um ponto de retomada modelar nos autores latinos anteriores de agricultura diz respeito, no caso de Columela, a ter esse tratadista seguido as instruções de Virgílio, *Geórgicas* IV, 147-148, no sentido de realizar uma tarefa preterida por tal poeta didático. Naquele contexto, depois de apresentar o painel ilustrativo<sup>3</sup> do Velho corício (v. 125-146), o poeta dissera que não daria continuidade a abordar com detalhes, nas próprias *Geórgicas*, o aspecto dos hortos – ou espaços para o cultivo de flores e ervas –, devido à “falta de espaço” nesta obra de breve extensão.

Então, vinculando-se explicitamente à realização desse afazer deixado de lado no poema do antecessor<sup>4</sup> – o qual, de resto, é várias

---

<sup>2</sup> “Del cartaginés Magón y los agrónomos latinos como Varrón, Catón, C. Celso, Escrofa, los Sasernas, etc., además de Virgilio. Sin embargo, como experto hacendado selecciona, critica y valora las fuentes según sus propios criterios (lo cual no quiere decir que sean correctos siempre, al menos desde la perspectiva actual), actitud bastante significativa en contraste con su época”.

<sup>3</sup> Painéis são trechos, nos poemas didáticos greco-romanos, em que os poetas cessam a transmissão cerrada de preceitos e contam uma história, fazem uma descrição etc., como meio de favorecer a *uariatio* expositiva nos textos (Toohey, 1996, p. 4).

<sup>4</sup> “Após a invocação [dos deuses Baco e Pales, em *De re rustica* X, 3-4], o agrônomo retoma uma informação já revelada no prefácio, a de que o tema da horticultura fora

vezes referido ao longo dos livros do *De re rustica* –, Columela deu vazão *poética*, no livro X de seu *De re rustica*, ao tema do cultivo das plantas hortenses. De fato, nessa parte do tratado, temos um pequeno poema didático sobre o cultivo de flores, ervas e hortaliças, construído com recorrência a 436 hexâmetros datílicos, os mesmos versos de escrita das *Geórgicas*, mas também da tradição da poesia didática em geral.

Outro aspecto da estruturação desse livro columeliano em hexâmetros que evoca os efeitos poéticos da obra citada de Virgílio é o emprego, mesmo de passagem, da erudição mítica:

O poeta recorre a uma série de alusões mitológicas para recomendar os cuidados necessários à proteção das hortas. Inicialmente, o *magister* aconselha seu *discipulus* a construir muros (de madeira) ou a plantar cercas vivas de arbustos espinhosos. [...] Na sequência [X, 29-31], porém, a expressão é ornada com quatro metáforas cultas, inspiradas em personagens gregos. O primeiro elemento mitológico se refere a Dédalo, arquiteto que construiu um labirinto em Creta onde ficava encerrado o Minotauro; os três seguintes são, nessa ordem: Policleto, Frádmon e Agelada. Todos esses, arquitetos e/ou escultores gregos (Santos, 2016, p. 105).

Dando continuidade ao artigo, desenvolveremos – depois de (1) perpassar de forma geral o aspecto dos tratadistas referenciais para Paládio – (2) a questão de como aspectos compositivos encontráveis na obra *De re rustica*, de Columela, puderam constituir modelo para certas estruturas que divisamos em *Opus agriculturae*. Também intentaremos observar (3) de que maneira se deu o emprego de Columela como fonte de saberes técnicos para a fundamentação de Paládio, enquanto tratadista de agropecuária. Nesse último aspecto, por sinal, a apropriação do antecessor não foi de todo pacífica, o que se revela através de eventuais correções ou até da linguagem, amiúde transformadora do estilo comunicativo columeliano.

---

sugerido nas *Geórgicas* por Virgílio” (Santos, 2015, p. 103).

## Referências técnicas de Paládio: tratadistas greco-romanos

A crítica tem muitas vezes destacado a contribuição fundamental do *De re rustica* de Columela para a feitura do *Opus agriculturae* de Paládio, como o conhecemos em nossos dias. Casas (1990, p. 16, tradução nossa), nesse sentido, define esta última obra como “um compêndio da obra de Columela, com algumas adições de outros autores e várias próprias”<sup>5</sup>, acrescentando ainda que sua extensão corresponde a aproximadamente um terço daquela original. Evidentemente, tal redução apenas foi possível porque, além de resumir certos conteúdos importados do vastíssimo *De re rustica*, o tratadista de *Opus agriculturae* também omitiu outros<sup>6</sup>.

Em apoio a esse juízo de Casas, Rodríguez (2016, p. 7, tradução nossa) reafirma a ideia de *Opus agriculturae* constituir “um compêndio da obra de Columela e de outros autores, como Catão e Varrão, Vitrúvio e Faventino (arquitetura), Gargílio (arboricultura e horticultura) e as *Geopônicas* (que reúnem vários autores), juntamente com vários acréscimos próprios”<sup>7</sup>. Por sua vez, Fitch (2013, p. 13, tradução nossa) observa, com separação dos autores prévios por temas de apropriação, em Paládio:

Além de sua própria experiência, Paládio se baseia principalmente em três autoridades. Para as culturas arvenses, incluindo vinhas e azeitonas, e para a criação de animais, ele recorre a Columela, que escreveu no primeiro século d.C. Como sua fonte principal sobre hortos e árvores frutíferas, Paládio emprega Gargílio Marcial, que escreveu no século III; visto que essas obras de Marcial são agora, em

<sup>5</sup> “[...] un compendio de la obra de Columela, con algunas adiciones de otros autores y varias propias”.

<sup>6</sup> “Las omisiones más notables afectan a temas como los vientos, astros, los capítulos relativos al perro (COL. 8, 12, 13) y, en ocasiones, enumeraciones de subclases de productos”. “As omissões mais notáveis dizem respeito a temas como os ventos, as estrelas, os capítulos relativos ao cão (COL. 8, 12, 13) e, por vezes, enumerações de subclases de produtos” (Casas, 1991, p. 16, tradução nossa).

<sup>7</sup> “[...] un compendio de la obra de Columela y otros autores, como Catón y Varrón, Vitrubio y Faventino (arquitectura), Gargilio (arboricultura y horticultura) y las *Geoponica* (que aúnan a diversos autores), unidos a varias adiciones propias”.

grande parte, perdidas, Paládio oferece indicações valiosas sobre seu conteúdo. Terceiro, para assuntos mais exóticos, como receitas de vinhos aromatizados, Paládio baseia-se em uma compilação de informações agrícolas do escritor grego do séc. IV, Anatólio de Beirute<sup>8</sup>.

Atendo-nos sobretudo aos autores *rerum rusticarum* que se citam nominalmente na obra em pauta<sup>9</sup>, podemos acrescentar que, de fato, Columela é o mais mencionado ao longo de todos os livros paladianos: assim, seu nome aparece na obra no total de 28 vezes, o que confirma o entendimento dos críticos sobre sua importância para o escritor de fins da Antiguidade<sup>10</sup>. Em segundo lugar, segue-se no mesmo quesito a figura de Gargílio Marcial, ao qual o tratadista se refere, sempre, como *Martialis* (“Marcial”) no total de 13 vezes<sup>11</sup>. Virgílio, por fim, apenas é citado pelo nome em *Opus agriculturae* III, XXV, 7, embora em XIV, XXX, 9-10 haja referência direta às suas *Geórgicas* e transcrição dos versos atinentes ao canto III, versos 453-454 e 459-460 desse poema didático.

Vale a pena recordar que Quinto Gargílio Marcial foi um escritor *rerum rusticarum* ativo durante o séc. III a.C., do qual muito pouco se sabe. Alguns dados que se podem reunir sobre ele, a partir da própria obra, correspondem a dizer que teria sido um homem de saúde debilitada; que

---

<sup>8</sup> “In addition to his own experience, Palladius draws chiefly on three authorities. For field crops, including vines and olives, and for animal husbandry he relies on Columella, who wrote in the first century AD. As his chief source on vegetable gardens and fruit trees, Palladius uses Gargilius Martialis, who wrote in the third century; since these works of Martialis are now largely lost, Palladius gives us valuable indications of their content. Third, for more exotic material such as recipes for flavoured wines, Palladius draws on a compilation of agricultural information by the fourth-century Greek writer Anatolius of Beirut”.

<sup>9</sup> Os nomes de Catão e Varrão nunca são explicitamente citados por Paládio em *Opus agriculturae*.

<sup>10</sup> Veja-se *Opus agriculturae* I, XIX, 3; I, XXVIII, 5; II, XVI; III, IX, 14; III, X, 4; III, XV, 1; III, XVI, 1; III, XVI, 2; III, XVII, 6; III, XVIII, 6; III, XIX, 3; III, XXIV, 7; III, XXIV, 11; III, XXVI, 4; IV, VIII, 1; IV, IX, 9; VIII, IV, 1; VIII, IV, 2; X, I, 2; XI, III; XI, V, 2; XI, VIII, 2 (duas vezes); XII, I, 2; XII, III; XIV, II, 1; XIV, XXVI, 4; XIV, XXVII, 1.

<sup>11</sup> Veja-se *Opus agriculturae* II, XV, 10; II, XV, 19; IV, IX, 9; IV, X, 5; IV, X, 16; IV, X, 34; V, III, 4; VI, VI; VII, V, 2; XI, XII, 5 (duas vezes); XI, XII, 7; XIII, IV, 1.

se tratou de indivíduo casado; que alude a Galeno<sup>12</sup> como seu predecessor nos estudos médicos (teria o próprio Marcial se dedicado ao exercício na carreira da medicina?); que silencia, diferentemente de Catão, Varrão, Columela e Paládio, a respeito de sua prática da agricultura. Ele também omite, nas obras *De hortis* e *Medicinae ex holeribus et pomis*, o desempenho de cargos públicos ou militares (Martínez, 2022, p. 15).

*De hortis* chegou-nos em estado fragmentário, contendo somente quatro capítulos sobre o plantio dos marmeleiros, pessegueiros, amendoeiras e castanheiras. Explica Martínez (2022, p. 20) que o capítulo atinente aos marmeleiros contém poucas linhas de instrução a respeito do uso medicinal do fruto correspondente. Uma vez que essas linhas também se encontram em *Medicinae ex holeribus et pomis* (capítulo XLVIII, 1-8), já foi sugerido que *De hortis* seria a porção inicial de um só tratado, em cuja segunda parte estariam concentrados tratamentos obtidos por meio de plantas (ervas, hortaliças e frutos). Como, diferentemente da obra de Columela, aquelas de Marcial não foram bem preservadas, é evidentemente mais difícil fazer cotejo seguro de passagens entre ambos.

No tocante aos autores gregos de agronomia, em geral referidos anonimamente ao longo de todo o *Opus agriculturae*<sup>13</sup>, basta lembrar que em sua maior parte parecem ser tratadistas depois associados às *Geopônicas*, na Bizâncio do séc. X d.C. Entre eles se incluem, além de

---

<sup>12</sup> Cláudio Galeno (séc. II-III d.C.) foi eminente médico romano de origem grega, tendo feito importantes descobertas – envolvendo o funcionamento dos sistemas circulatório, nervoso e excretor – em sua área de especialidade e sido clínico dos imperadores Marco Aurélio e Cômodo (161-175 d.C.), seu filho. Suas várias obras – como *De usu partium corporis humani* – e ensinamentos desfrutaram de autoridade longamente inquestionável, até o avanço das teorias fisiológicas e anatômicas nos séc. XVI-XVII (Stülpe; Mansur, 2019, p. 156ss.).

<sup>13</sup> Veja-se Paládio (*Opus agriculturae* I, VI, 5, tradução nossa, grifo nosso): *In pastinato solo inter nouellas uites omnino nihil est conserendum. Graeci iubent exceptis caulibus, tertio anno, quae libebit, iniungere. Omnia legumina Graecis auctoribus seri iubentur in sicca terra [...].* “No solo lavrado entre vinhas novas, nada absolutamente se deve plantar. Preceituam os gregos, no terceiro ano, juntar o que aprouber, a não ser as couves. Preceituam os autores gregos que todas as leguminosas sejam semeadas em terra seca [...]”.

Anatólio de Beirute<sup>14</sup>, supracitado por Fitch (2013, p. 13), nomes como Demócrito e Apuleio (veja-se, respectivamente, *Opus agriculturae* I, XXXV, 7 e I, XXXV, 9). Merece ainda menção<sup>15</sup> o uso do Aristóteles da obra *Geração dos animais* 766b35-767a13 (ou *História dos animais* 574a1-2) como fonte de Paládio para o tratamento do assunto da reprodução dos ovinos, no livro VIII de seu tratado agrícola.

### **Modelagem de aspectos do *Opus agriculturae* sobre o *De re rustica* de Columela**

Referindo-nos ao aspecto de o tratado de Columela ter sido um modelo para a estruturação de *Opus agriculturae*, não nos reportamos, propriamente, ao fato de ocorrer inegável derivação de conteúdos do *De re rustica* para esta última obra, mas antes a um ponto em nexos com certas escolhas genérico-formais de Paládio. Na verdade, longe de constituir algo fixo, o próprio modo de escrita e transmissão da matéria agrária, entre os latinos, pôde obedecer aos parâmetros eleitos por cada autor. Isso se evidencia já por haver os mais diferentes gêneros literários, no mundo antigo, passíveis de se colocarem livremente a serviço dos escritores ocupados de instruir.

---

<sup>14</sup> Anatólio de Beirute, por vezes chamado “Vindânio”, foi autor de um tratado em 12 livros (*Synagogè georgikôn epitedeumáton*), perdido para nós, mas que depois seria assimilado, como dissemos, às *Geopônicas* em grego. Conforme explica Muniz (2023, p. 4-5), “as *Geopônicas* foram provavelmente compiladas entre 944-59 da nossa era. [...] [T]rata-se de uma compilação de preceitos agrícolas de autores diversos. Mais de 30 autores figuram como partícipes das *Geopônicas*: Júlio Africano, Anatólio, Apsirto, Apuleio, Arato, Aristóteles, Berítio, Cassiano Basso, Damogerão, Demócrito, Dídimo de Alexandria, Cássio Dionísio, Diófanes da Bitínia, Filóstrato, Florentino, Frontão, Hierocles, Hipócrates, Juba, Leontino, Nestor, Opiano, Pânfilo, Paxamos, Pelagônio, Ptolomeu de Alexandria, Pitágoras, os dois Quintilianos, Sotião, Tarentino, Teomnesto, Varrão, Vindaniônio (ou Vindânio), Xenofonte e Zoroastro”. Tal coletânea, vale a pena dizer, foi financiada pelo imperador Constantino VII (905-959 d.C.).

<sup>15</sup> *Aristoteles adserit, si masculos plures creari uelis, admissurae tempore siccos dies et halitum septemtrionis eligendum et contra eum uentum greges esse pascendos*. “Aristóteles diz, caso queiras criar muitos machos, que, no tempo de cobrirem, devem ser escolhidos dias secos e o sopro do Setentrião; e que devem ser apascentadas contra tal vento as greis” (Paládio, *Opus agriculturae* VIII, IV, 4, tradução nossa).

Num estudo dedicado ao exame de semelhante questão, Alessandro Perutelli (2010, p. 294ss.) elenca e analisa uma série de obras latinas programaticamente comprometidas com o objetivo de ensinar o público – o *De agri cultura* catoniano, o *De rerum natura* de Lucrecio (séc. I a.C.), as *Geórgicas* de Virgílio (também do séc. I a.C.) etc. Desse modo, mantendo-se nelas a “mesma” função instrutiva (sobre a agricultura, a filosofia epicurista etc.), a forma da comunicação resulta muito modificada em cada caso, por exemplo quando se confrontam as especificidades e efeitos do assertivo manual de Catão com o requinte de poemas didáticos como aquele lucreciano e o de Virgílio (Perutelli, 2010, p. 314-315).

O gênero escolhido por Columela e Paládio para dar vazão a seus respectivos ensinamentos agrícolas *grosso modo* não correspondeu àquele do manual nem ao da poesia didática, mas aos ditames do *tratado*. Por tal termo, geralmente se compreende – apesar da falta de absoluta homogeneidade construtiva entre os espécimes textuais antigos a que tem cabido essa classificação (Taub, 2017, p. 6ss.) – uma obra (majoritariamente) escrita em prosa e sobre algum assunto técnico específico (filosofia, agricultura, medicina, aritmética etc.)<sup>16</sup>. O caráter, frequentes vezes, intrincado dos temas tratadísticos propicia que os autores se estendam muito em suas explicações, o que resulta em obras longas e, portanto, passíveis da divisão em vários livros, cada qual a conter um subtópico da matéria geral.

Outro aspecto associado ao gênero tratadístico é a presença de proêmios com suas funções características – fazer a proposição dos temas, a dedicatória, rogar a proteção divina para o empreendimento, marcar visões de mundo dos autores etc. (Janson, 1964, p. 12) –, quer encabeçando cada livro, quer apenas no início das obras. Podemos dizer que o *De re rustica* columeliano exemplifica a primeira tendência, de

---

<sup>16</sup> Fögen (2009, p. 10) também julga que verdadeiros textos de caráter técnico não se preocupam tanto com a forma ou com impressionar o leitor, mas principalmente com o conteúdo. Esse é um juízo relativo quando aplicado aos tratadistas romanos de agricultura: com efeito, apesar de geralmente serem mais informativos que as refinadas *Geórgicas*, autores como Columela e o próprio Paládio também trabalham, em graus diferentes, a forma de seus textos.

multiplicação de sucessivos proêmios (quase) ao longo de cada um de seus 12 livros<sup>17</sup>, enquanto, em *Opus agriculturae*, tais ingredientes tratadísticos apenas são empregados – e de forma muito resumida – no começo do livro I (portanto, da obra inteira) e ao serem iniciados os livros XIV e XV.

No tocante a pontos da escrita do tratado paladiano que possam aproximá-lo peculiarmente da obra *De re rustica* – relevando suas (muitas) diferenças ou as meras generalidades da pertença a um gênero comum do tratado –, gostaríamos (1) de focar o livro inicial de cada uma dessas obras técnicas, bem como (2) de pôr em cotejo, genérica e formalmente, seus respectivos livros X e XV. A ideia básica, em ambas as direções, é que Paládio teve, no importante predecessor técnico, fundamental parâmetro ou, como vínhamos dizendo, voluntário modelo, quando se viu confrontado com a complexa tarefa de organizar e de dar forma a ensinamentos agrícolas, em grande parte, compilados do *De re rustica* ou de outros autores.

Comentando (1) a questão dos conteúdos e forma de inserção do livro I nos tratados de Columela e Paládio, seria possível afirmar que esses aspectos têm nexos com a grande extensão dos textos, propiciada já pelo vínculo com o gênero tratadístico. Dessa maneira, os temas gerais como se apresentam em *De re rustica* I são, após o proêmio, longa listagem de escritores de agronomia, algumas regras atinentes à conduta do agricultor, situação e qualidade das terras e águas, preceitos sobre as edificações rurais, outros preceitos sobre os “arrendatários” (*coloni*), outros sobre

---

<sup>17</sup> O proêmio inicial do *De re rustica* é particularmente extenso e trabalhado, do ponto de vista retórico-expositivo: nele, Columela tenta sobretudo desfazer a ideia de que a fraca produtividade da terra, em sua época, seria devida a uma espécie de esgotamento natural do solo. Em vez disso, esse agrônomo entende que tal falha seria devida à falta de empenho dos homens coevos no estudo e prática de bons princípios agrícolas, lamenta a perda dos vínculos dos romanos com seu passado camponês, cita autores e moralistas anteriores – como Varrão e Marco Túlio Cícero – para atacar vícios etc. Janson (1964, p. 92, tradução nossa), todavia, faz atentar para a falta de um verdadeiro proêmio no início do livro VII desse tratado: “Columella has introductions of varying length to every book except Book 7, which contains only the address to Publius Silvinus that is to be found in all of them”. – “Columela apresenta proêmios de extensão variável para todos os livros, exceto o Livro 7, que contém apenas o endereçamento a Públio Silvino, o qual pode ser encontrado em todos eles”.

o *uillicus* (“capataz” ou “administrador” da propriedade rural antiga, na ausência do senhor e dono das terras), outros sobre os encarregados da criação de animais ou pastores.

Os “mesmos” temas, em *Opus agriculturae* I, seguem-se ao proêmio e podem ser resumidos como as normas e os elementos em que consiste a agricultura: aspectos climáticos, águas, qualidade das terras, edificações rurais (celeiros, salas de prensagem, banhos, esterqueiras etc.), conselhos gerais – em capítulos breves – a respeito da criação de aves domésticas (galinhas, faisões, pavões etc.), conselhos gerais sobre a situação dos hortos e pomares, conselhos gerais a respeito da apicultura, preceitos sobre as ferramentas agrícolas etc. Embora não haja a coincidência exata entre os temas dos livros iniciais de Columela e do epígono, trata-se sempre, em um e outro caso, de oferecer reflexões introdutórias no âmbito das técnicas agrícolas, sem adentrar detalhadamente em subtópicos que serão aprofundados apenas depois.

De fato, Columela somente introduz a fundo os sucessivos assuntos de cultivo e/ou criação animal a partir do livro II do tratado *De re rustica*, quando temas como a arada e o enriquecimento do solo, além dos cuidados de várias lavouras, são abordados<sup>18</sup>. No caso de Paládio, tal introdução ao núcleo expositivo do tratado também se dá apenas a partir do livro II, quando o autor preceitua sobre as operações necessárias nos campos durante o mês de janeiro<sup>19</sup>. Tocamos, aqui, num aspecto essencial da peculiar estruturação de *Opus agriculturae*, que não conhece precedentes na literatura agrônômica antiga:

---

<sup>18</sup> Nos demais livros do mesmo *De re rustica*, temos: livros III, IV e V – cultivo, enxerto e poda de árvores frutíferas e arbustos, vinhas e oliveiras; livro VI – seleção e criação de bovinos, cavalos e mulas, além da medicina veterinária; livro VII – criação de ovelhas, caprinos, porcos e cães; livro VIII – manejo de aves de granja e criações de peixes; livro IX – apicultura; livro X – horticultura; livro XI – deveres do *uillicus*, calendário de tarefas agrícolas (baseado em observações dos astros), continuidade dos tópicos de horticultura do livro anterior; livro XII – deveres da *uillica*, a companheira do administrador do *fundus rusticus* (“fazenda”).

<sup>19</sup> Entre os livros II-XIII, tais operações surgem de acordo com certa ordem fixa de disposição, como nota Casas (1991, p. 36). Então, primeiro se dão preceitos de manejo e cuidado com o solo, sementeiras e enxertos; depois, seguem os tratos das vinhas, oliveiras, hortaliças, pomares, animais domésticos e abelhas; depois, a preparação de produtos e as tabelas com indicação do comprimento das horas, num relógio de sol.

Outra novidade deste livro reside num fato que não foi destacado: Paládio ofereceu pela primeira vez um almanaque baseado exclusivamente no calendário civil e político, sem sobreposições astrológicas. O que aparece no tratado de Varrão (1 27-37) é fundamentalmente um calendário astral. [...] O almanaque de Paládio tinha, portanto, uma apresentação natural: era dividido em tantos livros quantos os meses do ano, precedidos de instruções gerais (*generale praeceptum*) sobre o ensino da agricultura [...]. Nos livros restantes descobrimos uma tentativa de distribuição ordenada dos temas ao longo de cada livro (Casas, 1991, p. 36, tradução nossa)<sup>20</sup>.

Acrescentamos que, após o livro XIII – referente às tarefas de dezembro –, seguem-se os de número XIV – *De ueterinaria medicina* – e XV – *Carmen de insitione* –, cujo assunto são os enxertos arbóreos e que se constrói por meio de 85 dísticos elegíacos. De todo modo, como ainda haveria muito “espaço” na sequência desta obra e daquela que lhe serve de modelo sob esse aspecto, nada obsteu a que tanto Columela quanto Paládio tivessem dedicado cada qual um livro inteiro a introduzir suas abordagens da agropecuária<sup>21</sup>, concentrando ali tópicos que não necessitariam, por força, restringir-se a nenhum dos livros subsequentes do *De re rustica* ou de *Opus agriculturae*. Afinal, independentemente da cultura vegetal ou da época do ano focalizada em livros específicos, por exemplo, o agropecuarista sempre necessita dispor de água, terras férteis, bons edifícios para alojamento e armazenagem, certa reserva de animais domésticos e ovos etc.

---

<sup>20</sup> “Otra novedad de este libro radica en un hecho que no ha sido destacado: Paladio ofrecía por primera vez un almanaque basado exclusivamente en el calendario civil y político, sin superposiciones astrológicas. El que aparece en el tratado de Varrón (1 27-37) es fundamentalmente un calendario astral. [...] El almanaque de Paladio tenía, por tanto, una presentación natural: estaba dividido en tantos libros como meses del año, precedidos de unas instrucciones generales (*generale praeceptum*) sobre la enseñanza de la agricultura [...]. En los libros restantes se descubre un intento de distribución ordenada de los temas a lo largo de cada libro”.

<sup>21</sup> O mesmo não se dá em Catão – cujo *De agri cultura* não é dividido em livros –, Varrão – em que cada diálogo apresenta proêmio e introduções particularizadas – nem nas *Geórgicas*, idem.

Quanto (2) à modelagem de *Opus agriculturae XV* sobre *De re rustica X*, lembramos em poucas palavras que se trata sempre de livros majoritariamente compostos em versos e de teor instrutivo, mas apresentando no início algum proêmio prosístico. Naquele livro columeliano, esse proêmio continha a dedicatória a Públio Silvino, feita em termos monetários<sup>22</sup>; em Paládio, a dedicatória é feita, séculos depois, a Pasifilo, mas persiste o emprego de vocabulário similar para referir o pagamento de sua “dívida” para com o amigo<sup>23</sup>. Também ocorrem, em um caso e outro, críticas a condutas humanas específicas, sendo elas direcionadas contra a avidez dos romanos coevos por itens de luxo, em Columela (*De re rustica X*, proêmio, 2), e à conduta ambígua dos escravos para com os senhores, em Paládio (particularmente à do copista citado em *Opus agriculturae XV*, proêmio, 1, o qual tanto demorou em produzir uma cópia do tratado para ser presenteada a Pasifilo).

Quando se iniciam as partes poéticas dos respectivos livros X e XV de Columela e Paládio, notamos que em ambas as contribuições para os escritos agrários latinos ocorre o mecanismo da repetição. Isso porque, no contexto da primeira obra, o autor não só realiza nova dedicatória do livro a Públio Silvino, mas ainda recorda, em v. 6, algo já dito na porção em prosa do mesmo livro: ou seja, que esta sua iniciativa de composição parte de uma deixa dada por Virgílio em *Geórgicas IV*, 147-148. Em Paládio, com retomada do modelo columeliano, a repetição também se faz dupla ao início do *Carmen de insitione*, no sentido de que de novo encontramos a dedicatória a Pasifilo e o *tópos* da modéstia afetada. No último caso, tal processo se dá através da designação prosística desta

---

<sup>22</sup> *Faenoris tui, Siluine, quod stipulanti sponponderam tibi, reliquam pensiunculam percipe. Nam superioribus nouem libris hac minus parte debitum, quod nunc persoluo, reddideram.* “Recebe, ó Silvino, a pequena restante quota do capital por ti pedido e por mim prometido, pois que nos precedentes nove livros descontei, com exceção desta parte, a dívida que agora saldo” (Columela, *De re rustica X*, proêmio, 1, trad. Lourenço Granato, com atualização ortográfica).

<sup>23</sup> *Habes aliud indultae fiduciae testimonium. Pro usura temporis hoc opus de arte insitionis adieci.* “Tens aqui outro penhor do crédito que me concedeste. Para pagar os juros do tempo decorrido, juntei esta obra sobre a técnica do enxerto” (Paládio, *Opus agriculturae XV*, proêmio, 1, tradução nossa).

parte da obra como *minutias* (“nugas”, proêmio 2) e do próprio poema, depois, como *paruos... libellos* (“pequenos livrinhos”, v. 3).

Como, ainda, os dois tratadistas optaram por recuperar algo da antiga tradição da poesia didática nos livros em pauta destas suas obras, mantêm-se atentos, cada qual ao seu modo, ao emprego dos recursos literários associáveis a ela. Isso pode ser divisado não apenas por meio de sua observância conjunta de alguns traços mais básicos da tipologia poética envolvida – uso de postura professoral pela voz instrutiva emanada dos textos, interpelação ao público como *discipulus* (“aluno”), mescla de alusões míticas em meio aos preceitos técnicos etc.<sup>24</sup> –, mas também em miúdos detalhes. Então, Columela, em *De re rustica* X, e Paládio, em *Opus agriculturae* XV<sup>25</sup>, concedem relevo ao elemento compositivo da visualidade (ou, sobretudo, do cromatismo)<sup>26</sup>

<sup>24</sup> Em *Opus agriculturae* XV ocorre, por exemplo, menção discreta à metamorfose da ninfa Dafne em loureiro, quando ela fugiu da perseguição erótica de Apolo (veja-se Ovídio, *Metamorfoses* I, 452-567). No novo contexto da obra paladiana, assim, comenta-se em v. 143-148 o enxerto de ramos de cerejeira na árvore do loureiro, o que lhe ocasiona “rubor” (das próprias cerejas), efeito este também experimentado pela ninfa antes da transformação de seu corpo, enquanto aquele deus a perseguiu com intenções sexuais.

<sup>25</sup> *Robora thyrsigero platani concordia Baccho/ fetibus instituit plena rubere nouis./ Illius insolitas miratur persicus umbras/ populeaeque ferunt candida dona comae.* “Ensinou aos troncos do plátano, afins a Baco porta-tirso./ ficarem rubros e cheios de novos frutos./ O pessegueiro admira suas sombras insólitas./ e as folhagens do choupo dão brancos dons” (Paládio, *Opus agriculturae* XV, 87-90, tradução nossa, grifos nossos).

<sup>26</sup> “L’imitazione di Columella è... complessa e ricercata, divisa tra l’adesione al modello virgiliano e la tendenza alla *variatio* e all’emulazione, l’allusione ad altre fonti poetiche e tecniche e la ricerca di una propria originalità... (Egli) dà prova di una raffinata tecnica letteraria, di ampia cultura, di abilità e fantasia nell’uso di tutti i mezzi stilistici (come) la sostituzione di nomi comuni... con ricercate perifrasi ricche di allusione erudite... ampie digressioni mitologiche, ... suggestive pause liriche, ... *ricca aggettivazione cromatica*, ... e poi artifici retorici come l’allitterazione, l’anafora...” “A imitação de Columela é... complexa e refinada, dividida entre a adesão ao modelo virgiliano e a tendência à *variatio* e à emulação, a alusão a outras fontes poéticas e técnicas e a procura da própria originalidade... (Ele) demonstra uma refinada técnica literária, ampla cultura, habilidade e imaginação no uso de todos os meios estilísticos (como) a substituição de nomes comuns... por perifrases refinadas e ricas em alusões eruditas... extensas digressões mitológicas, ... pausas líricas evocativas, ... *rica adjetivação cromática*,

nos livros em jogo, com alusão à presença do mesmo recurso, por exemplo, nas *Geórgicas*.

### ***De re rustica* como fonte técnica de Paládio: independência e reescrita**

Tendo, já, frisado com outros (Casas, 1991, p. 16; Rodríguez, 2016, p. 7) o papel reconhecido de Columela como (a principal) fonte técnica de *Opus agriculturae*, fazemos agora notar que se encontram nesta obra explícitos sinais da postura crítica de Paládio diante do legado de seu predecessor:

Convém, no entanto, escolher galinhas maiores: com efeito, darás a chocar em menor quantidade às menores. [5] Se quiseres mudar os filhotes de muitas para uma, Columela [*Das coisas do campo* VIII, XI, 13] diz que vinte e cinco bastam para uma só nutriz: mas, *por minha experiência*, para poderem ser bem-criados, parecem bastar quinze (Paládio, *Opus agriculturae* I, XXVIII, 4-5, tradução nossa, grifo nosso)<sup>27</sup>.

E, como diz Columela [*Das coisas do campo* VII, IX, 13], ela não deve nutrir mais que oito. [5] Mas, *por minha experiência*, parece-me mais eficaz que a porca para a qual as forragens abundam nutra no máximo seis, pois, embora possa criar mais, há de esgotar-se se sugada por um número maior (Paládio, *Opus agriculturae* III, XXVI, 4-5, tradução nossa, grifo nosso)<sup>28</sup>.

---

... e depois dispositivos retóricos como aliteração, anáfora...” (Noè, 2002, p. 163-164, tradução nossa, grifo nosso).

<sup>27</sup> *Maiores tamen gallinas oportet eligere: nam minoribus pauciora subpones. [5] Natos si ad unam transferre a pluribus uelis, dicit Columella uni nutrici uiginti quinque sufficere: mihi uero, ut bene educi possint, uidentur quindecim satis esse.*

<sup>28</sup> *Plus uero quam octo, sicut Columella dicit, nutrire non debet. [5] Mihi uero utilius probatur experto porcam, cui pabula subpetunt, ut plurimum sex nutrire debere, quia, licet plures possit educare, tamen frequentiore numero sucta deficiet.*

Assim como Columela<sup>29</sup>, Paládio não deixa de submeter suas fontes aos próprios critérios: no primeiro excerto acima, vemos, são oferecidos e depois “confrontados” os preceitos do autor do *De re rustica* no tocante a quantos ovos cada galinha poderia chocar. No excerto seguinte, embora o assunto seja a criação de leitões – ou, especificamente, quantos desses animais cada porca deveria amamentar –, temos de modo essencial preceitos columelianos parecidos com os da vez anterior. Na verdade, ainda aqui, esse agrônomo recomendaria entregar aos úberes de cada nutriz um número maior de filhotes do que parece convir a Paládio.

Como bom “fazendeiro” e praticante dos afazeres da vida rústica<sup>30</sup>, compreendemos, esse último tratadista não se deixa guiar apenas pelas palavras de terceiros, mas consegue até corrigi-las, quando tais palavras destoam das muitas experiências concretas que acumulou em suas terras. Embora semelhante postura não ocorra, obviamente, na maior parte das vezes em que Paládio recorre aos conhecimentos teóricos de Columela, a fim de justificar os saberes a serem transmitidos a seus leitores, é fato que não se tem, em *Opus agriculturae*, mera reprodução passiva de modelos, de ideias e mesmo de expressão alheia.

Esse último aspecto se evidencia melhor quando se examinam mais de perto passagens paladianas que, supostamente, corresponderiam a simples “transcrições” do *De re rustica*:

---

<sup>29</sup> Veja-se *supra* nota 2.

<sup>30</sup> “Al igual que Columela, también Paladio tuvo tres propiedades agrícolas: en Cerdeña, Nápoles y cerca de Roma”. – “Como Columela, também Paládio teve três propriedades agrícolas: na Sardenha, em Nápoles e perto de Roma” (Rodríguez, 2016, p. 5, tradução nossa).

Columela, <i>De re rustica</i> VI, XXXV e VI, XXXIV, 2	Paládio, <i>Opus agriculturae</i> XIV, XXVII e XIV, XXVI, 4
<p><i>Rara quidem, sed et haec est equarum nota rabies, ut cum in aqua imaginem suam uiderint, amore inani capiantur; et per hunc oblitae pabuli, tabe cupidinis intereant. Eius uesaniae signa sunt, cum per pascua ueluti extimulatae concursant, subinde ut circumspicientes requirere ac desiderare aliquid uideantur. Mentis error discutitur; si decidas inaequaliter comas equae et eam deducas ad aquam. [2] Tum demum speculata deformitatem suam, pristinae imaginis abolet memoriam<sup>31</sup>.</i></p> <p><i>Est etiam illa pestifera labes, ut intra paucos dies equae subita macie et deinde morte corripiantur; quod cum accidit, quaternos sextarios gari singulis per nares infundere utile est, si minoris formae sunt, nam si maioris, etiam congios. Ea res omnem pituitatem per nares elicit, et pecudem expurgat<sup>32</sup>.</i></p>	<p>Sicut Columella dicit – mihi uero incompertum est –, <i>equae aliquando se in aqua speculantur et diligunt. Hinc oblitae pabuli pereunt amore atque ieiunio, cum ueri ardores incendio furor cassae imaginis exaequatur. [2] Signi est, ubi per pascua uelut stimulatae praecipites uagantur ac subinde circumspiciunt uelut aliquid desiderio et affectione quaerentes. [3] Comas eius inaequaliter recide et ad aquam perducito, ut eadem quae morbos fecerat medicante materia pulchritudinis periculum beneficio deformitatis excludas<sup>33</sup>.</i></p> <p><i>Est etiam illa pestifera labes, ut intra paucos dies equae subita macie et inde morte corripiantur. Quod cum accidit, quaternos sextarios gari adserente Columella singulis per nares infundere utile est, si minoris formae est, nam si maioris, etiam congios. Ea res omnem pituitatem per nares elicit et pecudem expurgat<sup>34</sup>.</i></p>

<sup>31</sup> “Decerto é rara, mas também é conhecida, esta raiva das éguas: tendo visto seu reflexo na água, tomam-se de uma paixão vazia e, por isso esquecidas da forragem, morrem consumidas de desejo. São sintomas dessa loucura darem um giro pelas pastagens como que *muito incitadas*, por vezes parecerem, *olhando à sua volta*, procurar e *sentir a falta* de algo. O desarranjo mental é dissipado *se* cortares desigualmente as crinas e levares à água. [2] Então, enfim tendo olhado sua feiura, apagam a lembrança da antiga imagem” (tradução nossa, grifos nossos).

<sup>32</sup> “Há também aquela enfermidade fatal, de modo que, em poucos dias, as éguas sejam atingidas pela magreza súbita e, depois, pela morte. Quando sucede, surte efeito derramar pelas narinas de cada uma quatro sextários de molho de peixe, se for de constituição menor; na verdade, se são de um tamanho maior, mesmo um côngio. Isso elimina todo o muco pelas narinas e purga o animal” (tradução nossa).

<sup>33</sup> “Como diz Columela – mas, por minha experiência, ignoro –, as éguas por vezes se observam na água *e amam*. Daí, esquecidas da forragem, morrem de amor e fome, pois o furor pela vã imagem é igualado pelo fogo de um ardor genuíno. [2] O sintoma é vagarem impetuosas pelas pastagens, como que *incitadas*; e, por vezes, *olham à sua volta* como que *sentindo a falta* de algo, e buscando com desejo. [3] Corta-lhes as crinas desigualmente *e* leva-as à água, *para que*, medicando o mesmo objeto que causara o mal, elimines o perigo da beleza com o benefício da feiura” (tradução nossa, grifos nossos).

<sup>34</sup> “Há ainda aquela enfermidade fatal, de modo que, em poucos dias, as éguas sejam atingidas pela magreza súbita e, depois, pela morte. Quando sucede, *como*

Encontramo-nos, diante dos excertos acima, em contato com seções dos dois tratados considerados que têm como foco a medicina veterinária, para tratamento de males dos equinos. Contudo, em *Opus agriculturae* XIV, XXVI, 4, Paládio cumpriu à risca seu propósito, de versar a respeito desses temas recorrendo às “próprias palavras de Columela” (*Opus agriculturae* XIV, II, 1). A única diferença de escrita entre este trecho de sua obra e a fonte, por sinal, diz respeito à junção da expressão ali grifada – *adserente Columella* (“como afirma Columela”) –, a qual apenas indica claramente a proveniência dos dizeres de que se apropria.

Mas, em *Opus agriculturae* XIV, XXVII, as diferenças são mais pronunciadas, faltando, por exemplo, as duas conjunções subordinativas (*ut cum* – literalmente, “de modo que, quando”) que estão no primeiro período de Columela<sup>35</sup>. No ponto em que um e outro autor falam das consequências do mal equino comentado, notamos que Columela não operou a fragmentação da estrutura, enquanto Paládio empregou ponto final após *diligunt* (“amam”), evitando assim iniciar o capítulo XXVII com um período mais longo. Também é observável, nesta passagem, que o autor, além de atribuir a proveniência dos conteúdos a Columela, tem a cautela de dizer que desconhece semelhante desarranjo dos equinos – *mihi uero incompertum est* (“mas, por minha experiência, ignoro”) –, como se desejasse atribuir toda responsabilidade pelas observações à fonte.

Na parte em que os sintomas da doença passional são apresentados, o vocabulário é similar em ambos, embora não de todo coincidente: temos, então, em *De re rustica* e *Opus agriculturae, ex(s)timulatae*<sup>36</sup>

---

*afirma Columela*, surte efeito derramar pelas narinas de cada uma quatro sextários de molho de peixe, se for de constituição menor; na verdade, se são de um tamanho maior, mesmo um côngio. Isso elimina todo o muco pelas narinas e purga o animal” (tradução nossa, grifo nosso).

<sup>35</sup> Rodríguez (2016, p. 16) nota, observando comparativamente passagens de Columela e Paládio que não são as que aqui comentamos, a preferência do segundo autor por simplificar a sintaxe, evitando demasiado emprego da subordinação, sobretudo a “acumulada” num mesmo período. Isso evidentemente se vincula aos propósitos de tal autor de se fazer, antes de mais nada, informativo sobre a agropecuária – veja-se próêmio de *Opus agriculturae* I –, sem sacrificar a função “pedagógica” do texto às veleidades da forma.

<sup>36</sup> O prefixo *ex-*, empregado nesta forma de Columela, resulta em sentido intensificador que não havia em *stimulatae*. Veja-se Romanelli (1964, p. 61): *exstimulo* (“picar com força, aguilhoar fortemente”).

*versus stimulatae; circumspicientes* (particípio presente referido às éguas = “olhando à sua volta”) *versus circumspiciunt* (presente do indicativo do verbo correspondente); *desiderare* (verbo no infinitivo = “sentir a falta de”) *versus desiderio* (o substantivo correspondente, ou “sentimento de falta”). A troca do particípio columeliano pelo verbo conjugado no presente, em *Opus*, atribui caráter bastante básico à morfossintaxe verbal em jogo, enquanto a substituição do infinitivo pelo substantivo confere caráter de menor abstração ao uso mobilizado pelo mesmo tratadista.

Quando, enfim, ocorre abordagem do modo de remediar esse distúrbio, divisamos no início do período correspondente, em Paládio, a falta da conjunção *si* (“se”) empregada por Columela. Todavia, sequencialmente o autor de *Opus agriculturae* alonga esse mesmo período por meio de uma estrutura subordinada final introduzida por *ut* (“para que”). De qualquer forma, do ponto de vista das construções frasais, em geral se tem em Paládio certa tendência à simplificação, pois ele por duas vezes recorre ao mecanismo sintático da adição coordenativa no trecho dado – com recurso a *et* (“e”) –, algo não realizado por Columela<sup>37</sup>.

## Conclusão

Sem pretensões de esgotamento dos temas aqui explorados, intentamos, acima, ter propiciado um vislumbre dos modos como Paládio se relaciona com o inegável legado do *De re rustica* de Columela. Assim, o tratadista mais recente colheu nessa obra traços modelares que lhe possibilitaram atribuir, à sua maneira, plena autonomia temática ao livro I de *Opus agriculturae*. Ele, também – apesar de uma diferença tão importante quanto o metro seguido –, teve no livro columeliano de número X um modelo genérico-formal eleito para compor o livro XV de seu próprio tratado, sendo este prosístico no começo e poético depois (como o *De re rustica*).

Ademais, o exame comparativo de trechos tematicamente afins dessas obras de agronomia revela, mesmo que de forma incipiente, que,

---

<sup>37</sup> De fato, quando Columela emprega *et* (“e”) em: *et [...] intereant* (literalmente, “e [...] morram”), e em: *et [...] deducas* (literalmente, “e [...] lewares”), está ligando, primeiro, uma oração subordinada consecutiva prévia a outra consecutiva; em segundo lugar, duas orações subordinadas condicionais.

por um lado, Columela constituiu fonte proximamente seguida – inclusive de maneira literal – por Paládio. Mas, ao mesmo tempo, não podemos negar que o autor do *Opus agriculturae* soube imprimir marca própria à sua dicção técnica – nos âmbitos morfológico, sintático e lexical –, até nos pontos em que realiza óbvia derivação dos conteúdos columelianos.

## Referências

BOSCHERINI, S. *Lingua e scienza greca nel De agricultura di Catone*. Roma: Edizioni dell’Ateneo, 1970.

CARTELLE, E. M. Prosa técnica no gramatical. In: CODOÑER, C. (org.). *Historia de la literatura latina*. 2. ed. Madrid: Cátedra, 2007. p. 795-810.

CASAS, A. M. M. Introducción. In: PALADIO. *Tratado de agricultura; Medicina veterinária; Poema de los injertos*. Tradução, introdução e notas de Ana María Moure Casas. Madrid: Gredos, 1990. p. 7-71.

COLUMELA. *Cultura das hortas*. Trad. Lourenço Granato. São Paulo: Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

COLUMELLA. *On agriculture*. Com tradução para o inglês de Harrison Boyd Ash. Cambridge: Harvard University Press, 1968. 3 v.

FITCH, J. G. Introduction. In: PALLADIUS. *The work of farming*. Uma nova tradução do latim por John G. Fitch. London: Prospect Books, 2013. p. 11-28.

FÖGEN, T. *Wissen, Kommunikation und Selbstdarstellung: zur Struktur und Charakteristik römischer Fachtexte der Frühen Kaiserzeit*. München: C. H. Beck, 2009.

HEURGON, J. Introduction. In: VARRON. *Économie rurale – Livre I*. Texto estabelecido e traduzido por Jacques Heurgon. Paris: Les Belles Lettres, 2003. p. VII-LXXXV.

JANSON, T. *Latin Prose Prefaces: Studies in Literary Conventions*. Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1964.

MARTÍNEZ, A. G.-T. Introducción. In: MARCIAL, G. *Medicinas obtenidas de plantas y frutos; Tratado de los huertos*. Edición de Alfonso García-Toraño Martínez. Madrid: Clássicos Dickinson, 2022. p. 15-47.

MUNIZ, L. A. A *bugonia* nas *Geopônicas* 15.2 e o tratamento do material técnico latino. *Phaos: Revista de Estudos Clássicos*, Campinas, v. 23, p. 1-20, 2023. DOI: <https://doi.org/10.20396/phaos.v23i00.18267>.

NOÈ, E. *Il progetto di Columella: profilo sociale, economico, culturale*. Como: New Press, 2002.

AEMILIANI, P. R. T. *Opus agriculturae*. Ex recensione J. C. Schmittii. Lipsiae: G. B. Teubner, 1898.

PERUTELLI, A. O texto como professor. In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (org.). *O espaço literário da Roma antiga*. Trad. Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. v. 1, p. 293-327.

RODRÍGUEZ, E. L. *Análisis crítico y filológico*: Col. 2, 10, 25-28 y Pal. *Op. Agr.* 5, 1. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filologia Clássica) – Universidad de Salamanca, Salamanca, 2016. Disponível em: <https://gredos.usal.es/handle/10366/132594?show=full>. Acesso em: 2 maio 2024.

ROMANELLI, R. C. *Os prefixos latinos de composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico*. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1964.

SANTOS, G. J. *De cultu hortorum* de Lúcio Moderato Columela. *Caliope: Presença Clássica*, Rio de Janeiro, ano 33, n. 31, p. 96-111, 2016. DOI: <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i31.7658>.

SANTOS, G. J. Linguagem poética e técnica no *De re rustica* de Columela. *Phaos: Revista de Estudos Clássicos*, Campinas, v. 15, p. 141-159, 2015. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/9456>. Acesso em: 2 maio 2024.

STÜLP, C. B.; MANSUR, S. S. O estudo de Cláudio Galeno como fonte de conhecimento da anatomia humana. *Khronos: Revista de História da Ciência*, São Paulo, n. 7, p. 153-169, ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/khronos.v0i7.159295>.

TAUB, L. *Science writing in Greco-Roman Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

TOOHEY, P. *Epic Lessons: an Introduction to Ancient Didactic Poetry*. London/New York, Routledge, 1996.

WILKINSON, L. P. *The Georgics of Virgil: a Critical Survey*. Norman: Oklahoma University Press, 1969.